

## O PROCESSO DE AJUDA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO EM RELAÇÃO ÀS FERIDAS ESCONDIDAS NO CORAÇÃO

Eurípedes Pereira de Brito<sup>1</sup>

### RESUMO

As questões profundas, guardadas no coração, muitas vezes podem produzir enfermidades terríveis na existência humana e são difíceis de serem acessadas. Um texto das Escrituras que nos indica esse fato, afirma: “Como águas profundas são os propósitos do coração, mas o homem de inteligência pode descobri-los.” (Pv 20.5). Não precisamos concordar com Freud que via essas questões profundas do ser, como questões quase inacessíveis, e que fazem da pessoa um poço de necessidades e carências, fazendo-nos enxergar as pessoas que sofrem apenas como vítimas carentes, e não como sujeitos responsáveis por suas ações ou reações. Este artigo é uma sequência. No nosso primeiro artigo, procuramos responder como o Aconselhamento Bíblico vê a questão do inconsciente. Neste presente artigo, procuramos demonstrar, como no processo do aconselhamento bíblico, com a sabedoria do Senhor e na dependência do Espírito Santo, as questões podem ser trazidas à tona, serem amorosamente confrontadas e tratadas com a perspectiva teológica, que vê o ser humano como responsável diante do Senhor, mesmo quando foi uma vítima real no passado, e tendo questões dolorosas no seu ser, que perturbam a sua vida e seus relacionamentos no presente.

**Palavras-chave:** Teologia. Aconselhamento bíblico. Inconsciente. Questões do coração. Ajuda para superação.

### ABSTRACT

Deep questions, kept in the heart, can often produce terrible diseases in human existence and are difficult to access. A text from the Scriptures that indicates this fact, states: "As deep waters are the purposes of the heart, but the man of intelligence can discover them." (Pv 20.5).

---

1 Eurípedes Pereira de Brito é doutor em Teologia com ênfase em Aconselhamento Pastoral pela Escola Superior de Teologia da Igreja de Confissão Luterana no Brasil. É coordenador do Curso de Graduação em Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), e professor na área de Teologia Prática na FASSEB e no Seminário Presbiteriano do Brasil Central, ambos em Goiânia. Exerce o ministério pastoral na Igreja Presbiteriana Esperança em Goiânia. E-mail: euripedesbrito@hotmail.com.

We do not need to agree with Freud that he saw these deep questions of being, as almost inaccessible questions, and that make the person a well of needs and deficiencies, making us see people who suffer only as needy victims, and not as subjects responsible for their actions or reactions. This article is a sequel. In our first article, we sought to answer how Biblical Counseling views the issue of the unconscious. In this present article, we seek to demonstrate, as in the process of biblical counseling, with the wisdom of the Lord and in dependence on the Holy Spirit, issues can be brought up, be lovingly confronted and treated with the theological perspective, which sees the human being as responsible before the Lord, even when you were a real victim in the past, and having painful issues in your being that disturb your life and relationships in the present.

**Keywords:** Theology. Biblical Counseling. Unconscious. Issues of the heart. Help to overcome.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo é uma sequência de outro que escrevemos tratando do aconselhamento bíblico e a questão do inconsciente (2020). Nele procuramos responder a algumas questões importantes tais como: haveria, para os conselheiros bíblicos, uma mente inconsciente? Em que sentido aqueles que trabalham com aconselhamento no contexto da igreja concordam e discordam da perspectiva secular sobre o inconsciente? Podemos falar de memórias dolorosas do passado, que permanecem no nível do inconsciente afetando a vida do aconselhando no presente a partir das Escrituras?

Vimos que Jay Adams (2015), considerado um dos maiores representantes da corrente do aconselhamento bíblico, e vários conselheiros bíblicos que foram seus discípulos, chamados de conselheiros bíblicos da primeira geração, davam pouco valor à necessidade de se verificar o histórico da pessoa, e rejeitavam toda tentativa de se analisar situações dolorosas do passado, considerando-as como atitude reprovável, visto que, para eles, essas tendências vinham da Psicanálise com inclinações para ver a pessoa apenas como uma vítima de seu passado.

De fato, verificamos na Psicanálise uma tendência de ver as pessoas como vítimas de suas histórias do passado, e que psicólogos são inclinadas, muitas vezes, a não lidar com os aconselhados como pessoas responsáveis diante de suas histórias de vida. Demonstramos que há teólogos cristãos, como Wadislau Martins Gomes (2004), que admitem, a partir de uma exegese bíblica consistente, que o aconselhamento bíblico pode assumir a existência do inconsciente no ser humano sem tirar deste a responsabilidade diante dos seus atos. Vimos que, para ele, “O inconsciente não é um ‘departamento’ do ser, mas um estado de coração, quer afetado pela auto-estrutura do corpo

(afetos tácitos, fraquezas), quer pelo auto-engano, o qual, se necessário for, poderá ser acessado, ainda que sob os efeitos noéticos do pecado”. (GOMES, 2004, p. 38)

Contudo, em nossa análise conclusiva da relação entre as Escrituras Sagradas e a questão do inconsciente, verificamos dificuldades de se colocar os termos bíblicos “oculto”, “escondido” e “segredo”, encontrados nos textos analisados (Sl 90.8; 19.12; 1 Co 2.9-12), como sinônimos de inconsciente. Mas, afirmamos com bases na análise dos textos indicados, que certamente há questões “escondidas”, ou em “segredo”, no ser interior de várias pessoas, questões não resolvidas, traumas de infância, rejeições, agressões, abandonos e humilhações. Essas questões, ligadas ao ser interior, muitas vezes ficam escondidas, em um sentido, mas continuam afetando a vida da pessoa em vários níveis, por ser seu próprio coração enganoso, sendo isso tão grave que o próprio Deus afirma, que somente ele, pode sondar os corações enganosos. (Jr 17.10,11). (BRITO, 2020).

Estas questões profundas, guardadas no coração, muitas vezes podem produzir enfermidades terríveis na existência humana e são difíceis de serem acessadas. Um texto das Escrituras que nos indica esse fato, afirma: “Como águas profundas são os propósitos do coração, mas o homem de inteligência pode descobri-los.” (Pv 20.5) Esse texto não indica que todos os que vêm para o aconselhamento têm questões profundas do coração para serem tratadas; da mesma forma, a análise do texto indica que as questões ou propósitos do coração nem sempre devem ser considerados de forma negativa. Contudo, podemos concluir que o texto nos demonstra que há propósitos ou questões do coração que podem ser negativas, e são como águas profundas, ou seja, questões da existência que estão submersas, difíceis de lidar, e que podem promover vários distúrbios na vida da pessoa.

Como observamos, não precisamos concordar com Freud que via essas questões profundas do ser, como questões quase inacessíveis, e que fazem da pessoa um poço de necessidades e carências, fazendo-nos enxergar as pessoas que sofrem apenas como vítimas carentes, e não como sujeitos responsáveis por suas ações ou reações. Freud defendia que os eventos traumáticos da infância ficam no inconsciente como necessidades não satisfeitas, geralmente relacionados a impulsos e agressões sexuais, e que moldam a experiência de uma pessoa na idade jovem e adulta.

No nosso primeiro artigo trouxemos um breve resumo sobre o inconsciente na perspectiva de Freud e vimos que, para ele, o comportamento humano é determinado, em grande parte, pelos impulsos inconscientes e instintivos. E verificamos duas principais hipóteses na Psicanálise: o princípio do determinismo psíquico e a ênfase em relação aos processos inconscientes dominando a vida das pessoas.

Duas dessas hipóteses fundamentais, que foram copiosamente confirmadas, são o princípio do determinismo psíquico, ou da causalidade, e a proposição de que a consciência é antes um atributo excepcional do que um atributo comum dos processos psíquicos. Para expressar esta última afirmação em palavras algo diferente, podemos dizer que, de acordo com a teoria psicanalítica, os processos mentais inconscientes são de grande frequência e significado no funcionamento mental normal, bem como no anormal. (BRENNER, 1987, p. 17)

Ao contrário da Psicanálise, devemos manter o posicionamento bíblico que nos assegura que as questões escondidas do coração podem e devem ser descobertas e confrontadas em amor, pois o ser humano não precisa ser visto como uma presa do determinismo psíquico. “Como águas profundas são os propósitos do coração, mas, o homem de inteligência pode descobri-las” (Pv 20.5).

Diante disso, neste presente artigo procuramos demonstrar, como no processo do aconselhamento bíblico, com a sabedoria do Senhor e na dependência do Espírito Santo, que as questões podem ser trazidas à tona e serem amorosamente confrontadas e tratadas com a perspectiva teológica, que vê o ser humano como responsável diante do Senhor, mesmo quando foi uma vítima real no passado, e tendo questões dolorosas no seu ser que perturbam a sua vida e seus relacionamentos no presente.

Os objetivos desse artigo, portanto são: 1. Ajudar no acompanhamento dos aconselhados para romperem com a resistência de lidar com questões dolorosas do passado; 2. Ajudar no enfrentamento de tendências extremas da parte dos conselheiros de reforçar ou negar as feridas abertas do passado; 3. Ajudar na construção de passos estratégicos no processo da ajuda bíblica aos que trazem feridas dolorosas do passado em suas vidas.

O método de pesquisa utilizado neste trabalho é o da pesquisa bibliográfica, exegética, hermenêutica e teológica; quanto aos objetivos listados no parágrafo anterior, tornam-se os pontos de discussão deste artigo.

## **2 AJUDAR NO ROMPIMENTO DA RESISTÊNCIA EM LIDAR COM QUESTÕES DOLOROSAS**

As questões dolorosas do passado não são fáceis de serem enfrentadas. Muitas vezes trazem vergonha, lágrimas, gemidos, dores e feridas profundas. Não é simples, para várias pessoas, sequer pensar que situações desagradáveis de sua intimidade serão expostas diante de outras pessoas. Diante disso, poucas pessoas estão dispostas a abrirem seus corações e acatarem interpretações que podem ser muito desagradáveis a respeito delas próprias. O fato é que a exposição não somente traz à tona a situação constrangedora em si, mas é um processo que implica na exposição do próprio ser, arriscando-se a verificar aspectos incoerentes em sua própria personalidade, causando muitas dores.

“A descoberta de si mesmo é muito dolorosa: fere o nosso orgulho e macula a boa opinião que prezamos de nós mesmos.” (CRABB, 1985, p. 87).

Essa questão da resistência de lidar com questões dolorosas do passado, tem como sua fonte original o pensamento de Freud, e devemos reconhecer e considerar que, de fato, é um dos grandes desafios no processo de busca de ajuda aos sofredores. Vejamos um resumo de como Crabb apresenta a questão da resistência no aconselhamento:

Do ponto de vista psicológico, parece-me que a resistência pode ser explicada de duas formas. Primeiro, uma ideia que foi fortemente reforçada e aplicada por anos, será muito dura de ceder. A crença tem sido parte da pessoa por tanto tempo que parece confortável, como um par de sapatos velhos. Qualquer mudança dessa posição conhecida, mesmo que a posição seja dolorosa, é ameaçadora. Segundo, é importante reconhecer que as suposições básicas são mais do que crenças meramente tidas como lógicas. Se, com nossa mente consciente, nós mantemos pressuposições avaliativas, então com as nossas mentes inconscientes nós mantemos atitudes. As atitudes têm componentes afetivos (emocionais) além de componentes cognitivos. Estes são desenvolvidos na atmosfera emocionalmente carregada do desejo sincero e forte da pessoa de suprir as suas necessidades. (CRABB, 1985, p. 87)

É importante observar que tanto Freud, como Crabb, estão corretos em afirmar que há um processo de resistência que precisa ser trabalhado e vencido na vida do aconselhando. Devemos, no entanto, perceber que Crabb, como psicólogo cristão, absorveu a influência freudiana do coração psicologicamente necessitado, e que o mesmo assume, como base para a sua reflexão sobre a resistência, a própria Psicologia secular. É preciso observar que os motivos pelos quais as pessoas resistem à possibilidade de lidar com questões existenciais profundas são diferentes. Na perspectiva da Psicologia, diríamos que os motivos que levam as pessoas a resistirem são apenas aqueles motivos humanos de autopreservação (necessidades). No entanto, para o aconselhamento bíblico, o principal motivo da resistência é o coração pecaminoso em contraposição à ideia da Psicologia, que vê o coração psicologicamente necessitado. (WELCH, 2015, p. 16, 17)

Crabb (1985, p. 87), no entanto, está correndo ao afirmar que dependemos completamente do Espírito Santo para analisar o coração enganoso. Ele toma a Escritura para nos alertar sobre o fato de que o ser humano é mestre no autoengano e que precisa de ajuda sobrenatural para ter uma percepção real de si mesmo.

Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações. (Jer. 17: 9, 10) [*sic*].

Este texto das Escrituras, portanto, nos indica, por um lado, o fato de que o coração é enganoso e, portanto, tendente a fugir de encarar a verdade que, muitas vezes, traz dores consigo; o texto indica, por outro lado, que “A exploração honesta e acurada das câmaras interiores do nosso ser pessoal é prerrogativa especial de Deus.” (CRABB, 1985, p. 87)

Diante desse texto, portanto, os conselheiros precisam reconhecer sua limitação e desenvolver o processo de aconselhamento completamente dependentes da obra iluminadora do Espírito Santo. Como já vimos, as Escrituras afirmam: “Como águas profundas, são os propósitos do coração, mas o homem de inteligência sabe descobri-los.” (Pv 20.5). Portanto, somente nessa dependência completa é que poderemos ter clareza sobre a abordagem egocêntrica e enganosa por parte dos seres humanos, e podemos trazer à tona as questões que estão “como águas profundas” e confrontá-las em amor.

Como instrumentos do Espírito Santo, cabe-nos manter uma ênfase relacional no aconselhamento. “Somente numa atmosfera de segurança é que uma pessoa olhará para si abertamente e considerará a mudança de crenças que por anos tem determinado a sua rota em direção ao valor pessoal.” (CRABB, 1985, p. 88) Esse autor apresenta, como referencial para o seu argumento, os escritos de Carl Rogers sobre a necessidade de aceitar profundamente o cliente como ser humano de valor. No entanto, ele nega aos cristãos o maravilhoso e mais rico e profundo exemplo de Cristo, que mais do que empatia, teve compaixão pelos seres humanos com seus conflitos e dores. Os conselheiros bíblicos têm ressaltado amplamente essa necessidade de relacionamento e acolhimento amoroso, tendo como modelo o próprio Senhor Jesus Cristo no processo do aconselhamento, com o propósito de promover esse ambiente de segurança e confiança, movendo os aconselhados a exporem suas dores mais profundas.

Conselheiros bíblicos devem, portanto, evitar qualquer ambiente que promova acusação e medo que fazem com que as pessoas se fechem em meio às suas dores, e devem se comprometer com esse ambiente no qual as pessoas cristãs percebam profundamente sua identidade como filhos adotados no amor de Cristo, abraçados e aceitos por Aba. Paulo afirmou aos Romanos:

Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. (Rm 8.14,15).

Esse ambiente, cheio de acolhimento amoroso, cheio do amor e da compaixão de Cristo em nossos corações, é que promoverá a possibilidade de as pessoas romperem com a resistência do coração enganoso, e assim, na dependência do Espírito Santo, as realidades mais profundas do ser

poderão ser trazidas à tona para serem confrontadas em amor e transformadas pelo poder do mesmo Espírito. (Pv 20.5).

## **2 RECONHECER TENDÊNCIAS EXTREMAS DE REFORÇAR OU NEGAR AS FERIDAS ABERTAS**

Duas fortes tendências têm sido percebidas no contexto do aconselhamento oferecido por cristãos. Alguns conselheiros cristãos, influenciados por correntes da Psicologia psicanalista, tendem a reforçar a dor, pois se inclinam a crer que sempre haverá uma criança chorando, carente do colo de seu pai e do seu afago, por detrás de um adulto com conflitos e crises. Outros conselheiros cristãos agem influenciados por uma corrente de interpretação bíblica que assume que tudo o que acontece está ligado diretamente ao pecado pessoal e, portanto, as pessoas precisam ser confrontadas; esses tendem à negação da dor e tendem a ser conselheiros do pecado.

Edward Welch (2015), em seu artigo, “Exaltar a Dor? Ignorar a Dor? O que fazer com o sofrimento?”, traz importante contribuição em relação a este ponto que estamos tratando. Nesse artigo, Welch não está lidando com a questão do inconsciente, contudo traz uma contribuição de extrema relevância para aqueles que quiserem ajudar pessoas que estão lidando com o sofrimento, inclusive, aqueles que estão lidando com o sofrimento que vem de situações terríveis do passado nas quais as pessoas foram verdadeiras vítimas. Welch (2015, p.14) afirma: “Alguns exaltam a dor, outros negam a dor. Alguns estão com o coração sangrando, outros são estoicos. Alguns são ‘conselheiros da dor’, outros são ‘conselheiros do pecado’.”

Um dos graves problemas daqueles que exaltam a dor é o de assumir que as Escrituras não tratariam de forma consistente sobre o sofrimento das pessoas, havendo uma necessidade de tratamento profissional por meio de teorias e técnicas seculares. Nessa corrente que procura exaltar a dor,

Em primeiro lugar, o pecado é reduzido à autoproteção, ou seja, nosso maior pecado é buscar proteção de uma dor ainda maior. Isso desconsidera a natureza específica do pecado como transgressão contra Deus. Em segundo lugar, quando percebemos que não temos na verdade proteção contra o sofrimento, e quando descobrimos que a ‘cura’ nunca nos livra completamente das garras do sofrimento, passamos a crer que Deus falhou em Suas promessas, e sentimo-nos justificados em nossa ira para com Ele. (WELCH, 2015, p. 16)

Devemos, dessa forma, evitar reforçar a dor para não deixar a pessoa sem esperança afundada em suas próprias dores e lamentos. Outros aspectos que devemos observar para evitar

tendências freudianas no processo do aconselhamento bíblico envolvendo dores do passado que afetam a vida presente do aconselhado, de acordo com Rowe, (2020, [s. p.]), são: 1. Sempre verificar a questão da responsabilidade pessoal; 2. Assumir a realidade do pecado, da fé, do arrependimento e da redenção; 3. Resistir a vitimação; 4. Reafirmar as Escrituras e Deus como nossa autoridade final pois, infelizmente, a autoridade final para alguém que está sendo aconselhado por um conselheiro freudiano tem sido o conselheiro, o terapeuta; 5. Evitar a crença de que os métodos psicológicos são neutros.

Contudo, os conselheiros bíblicos precisam compreender que o evangelho não nega o sofrimento presente ou conflitos internos das pessoas como consequências, em alguns casos, de situações criadas por outras pessoas ou circunstâncias no passado. Firmados no Evangelho, ajudamos as pessoas a perceberem que há esperança, e que podemos, capacitados e fortalecidos pelo Espírito Santo, enfrentar de forma realista e coerente o nosso passado.

Devemos, da mesma forma, rejeitar o outro extremo, o de negar a dor das pessoas, nos tornando conselheiros duros, imediatistas, autoritários, confrontativos e insensíveis.

Se ignoramos o sofrimento, então a dor torna-se um problema de pouca importância a ser ‘consertado’ e a compaixão torna-se um passo temporário que tem por intenção preparar terreno para coisas mais importantes. Precisamos compreender que a Escritura destaca que o sofrimento, independentemente de sua causa, é um momento de lágrimas e lutas, tempo para arrependimento, para depositar a fé em Deus em meio à angústia, para segui-lo em obediência. (WELCH, 2015, p. 17).

Ao rejeitarmos esses extremos, devemos, de forma positiva, buscar um método bíblico para lidar com as dores do passado que estão afetando o presente dos aconselhados nos níveis mais profundos da sua consciência. Em nosso próximo ponto, veremos como estabelecer passos estratégicos no processo de ajuda bíblica.

### **3 ESTABELEECER PASSOS ESTRATÉGICOS NO PROCESSO DA AJUDA BÍBLICA**

Welch (2015) propõe alguns passos estratégicos fortemente baseados nas Escrituras que podem nos ajudar a lidar com os sofrimentos que as pessoas carregam em suas vidas, incluindo as pessoas que estão envolvidas com questões guardadas no espaço oculto do coração, vítimas de situações reais de sofrimentos causados por outras pessoas ou circunstâncias no passado.

Os sofredores precisam ser surpreendidos tanto pelo amor pessoal de Deus como pela glória transcendente de Deus; eles precisam ser ajudados para que conheçam a Deus de forma que a obediência, a confiança e a adoração a Deus tornem-se irresistíveis. (WELCH, 2015, p. 22)

Vamos, portanto, verificar os passos estratégicos apresentados por Welch, e analisá-los de forma acadêmica, com vistas à aplicação no nosso contexto e realidade brasileira.

### 3.1 AJUDAR NO PROCESSO DE EXPRESSAR O SOFRIMENTO CM PALAVRAS

Welch (2015, p. 23,24) observa que poderia causar espanto o fato de que Deus encoraja os sofredores a se expressarem. Esse espanto poderia ocorrer, principalmente, se confundirmos o posicionamento de Welch com a proposta de Carl Rogers (2003) sobre a grande importância da liberdade para todo tipo de catarse concedida aos seus aconselhados, por meio da qual poderiam expressar livremente suas profundas dores diante do conselheiro. O problema é que essa tendência no aconselhamento de Rogers pode motivar os aconselhados a expressarem suas raivas por meio da catarse, com tendências ao descontrole e vendo-se apenas como vítimas no processo e, assim, negando suas responsabilidades.

Welch, portanto, não está aprovando qualquer tipo de proposta ligada ao antropocentrismo de Carl Rogers e, sim, demonstrando a importância de verificarmos que Deus encoraja os sofredores a se expressarem diante dele, o que pode ser visto no livro de Salmos, de Jó e Lamentações, e por todo o Novo Testamento.

Deus diz: 'Expresse seu sofrimento em palavras' Uma surpresa inicial para muitas pessoas, e também um peso de glória, é descobrir que Deus encoraja os sofredores a se expressarem. Deus penetra em nosso isolamento e nos impulsiona a colocar em palavras nossas experiências dolorosas. Não se trata, com certeza, de qualquer tipo de expressão. Não é amargura. Não são lamentos pagãos lançados em um mundo onde não há sentido. (WELCH, 2015, p. 23)

Encontramos um exemplo nas Escrituras dessa maneira incorreta de se expressar diante do Senhor, conforme indicada por Welch. Os israelitas, quando saíram do Egito, estando no deserto, muito cedo entraram em processo de amargura e se expressaram com coração amargurado na presença do Senhor, o que lhes trouxe juízo da parte de Deus. Vejamos como Paulo exorta os Coríntios tomando o seu exemplo:

Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo. Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto. Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; porquanto está

escrito: O povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se. [...] Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador. Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado. (1 Co 10.1-11)

Embora devamos rejeitar métodos como o de Rogers, de fato devemos perceber que Deus nos encoraja a colocar os lamentos do nosso coração em palavras. De acordo com Welch (2015, p. 23), “Toda conversa deve ser dirigida a Deus, que é o ponto de referência final de toda a existência”. Nos Salmos, por exemplo, encontramos verdadeiras e profundas expressões sinceras de dores profundas perante a face do nosso Senhor:

Senhor, não me repreendas na tua ira, nem me castigues no teu furor. Tem compaixão de mim, Senhor, porque eu me sinto debilitado; sara-me, Senhor, porque os meus ossos estão abalados. Também a minha alma está profundamente perturbada; mas tu, Senhor, até quando? Volta-te, Senhor, e livra a minha alma; salva-me por tua graça. Pois, na morte, não há recordação de ti; no sepulcro, quem te dará louvor? Estou cansado de tanto gemer; todas as noites faço nadar o meu leito, de minhas lágrimas o alago. Meus olhos, de mágoa, se acham amortecidos, envelhecem por causa de todos os meus adversários. (Sl 6.1-7)

Outros salmos que nos ajudam nessa reflexão são o Salmo 6.2-3, o Salmo 10.1 e o Salmo 13.1-2. Dessa forma, compreendemos que a expressão verbalizada do sofrimento diante do Senhor, na forma dos salmos e outros textos bíblicos, pode ser ato de fé e ser uma legítima expressão de obediência e confiança no Senhor. “Não se trata de despejar emoções para aliviar a dor, mas de responder a Deus. As boas queixas clamam: ‘Por que o Senhor esqueceu de mim?’ com base no conhecimento de Deus.” (WELCH, 2015, p. 24).

### 3.2 AJUDAR A LIDAR COM PROCESSOS DE VITIMAÇÃO EVIDENTE

Nem sempre as pessoas são realmente vítimas em situações que envolve sofrimento. É preciso analisar os relatos com certa distância para que compreendamos os fatos como eles são, sendo possível verificar eventos nos quais as pessoas, na verdade, são as responsáveis por seus próprios sofrimentos. No entanto, há circunstâncias que, de fato, as pessoas são vítimas reais de agressões, traições, violência, abandonos, humilhações e outros processos.

Quando está óbvio que a causa do sofrimento foi o pecado de outras pessoas, Deus fala às vítimas. Enquanto continua a encorajá-las a falar honestamente, Ele as ajuda a identificar o verdadeiro responsável pela ‘violação’. Embora a vítima seja certamente pecadora, como todos nós, a ênfase inicial de Deus é mostrar que Ele é a favor da vítima e da justiça. (WELCH, 2015, p. 26)

Verificamos nas Escrituras o caso de incesto na infância. As Escrituras apresentam o ser humano como uma vítima real, e Deus imputa a responsabilidade sobre as autoridades que eram responsáveis pela criança (Jr 23; Ez 34). Da mesma forma, as Escrituras apresentam Deus como aquele que é contra o opressor (Ex 22.21-24). Diante dessa análise bíblica, Welch (2015, p. 26) observa que não podemos resistir ao uso da categoria bíblica de “vítima”. Quando falamos da categoria “vítima”, alguns poderiam objetar que isso poderia ser comparado ao processo de transferência de culpa para outros. Com frequência, as pessoas que foram oprimidas lançam sobre outros a culpa por suas reações, justificando autopiedade, amargura, vingança, abuso de substâncias tóxicas e outras respostas pecaminosas. (WELCH, 2015, p. 26). Contudo, ele insiste que vítima e ofensor são categorias bíblicas. O aconselhamento bíblico deveria, portanto, utilizar-se dessas categorias com segurança, evitando as tendências negativas no processo.

Nesse ponto, outro aspecto importante é ajudar as vítimas reais a perdoarem o passado e seguir em frente. Elas foram vítimas reais no passado, mas não precisam se verem como presas da vitimação. Antes, pela graça e poder do Espírito Santo, como seres que respondem diante do Senhor em meio aos processos da vida, devemos ajudar as vítimas a perdoarem o seu passado. O Senhor Jesus, ensinando sobre o perdão, conta uma parábola sobre homem que recebeu o perdão de uma grande dívida e que foi incapaz de perdoar alguém que lhe devia muito pouco. Jesus termina a parábola da seguinte forma:

Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que lhe devia. Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas. (Mt 18.32-35)

Perdoar pode ser compreendido como esquecer, quando o esquecimento for entendido como não permitir que a visão que cultivamos do ofensor seja controlada pelo pecado. Contudo, se não tivermos cuidado, podemos impor culpa sobre as pessoas que sofreram agressão ao cobramos delas como responsáveis por apagar completamente os fatos passados de suas consciências. (VIARS, 2012). O processo de perdão nem sempre ocorre de forma rápida e simples. Conselheiros precisam ajudar os aconselhados, na dependência do Espírito e na busca de compreensão da obra que o próprio Deus está realizando na vida das pessoas.

### 3.3 AJUDAR NA COMPREENSÃO E ACOLHIMENTO DO AMOR DE DEUS

Os aconselhados, quando estão em processo de grande sofrimento, tendem a somente se voltar para o seu próprio sofrimento, desenvolvendo uma verdadeira fixação na dor. O aconselhamento bíblico deve reconhecer, como vimos, a abertura bíblica para que o sofredor possa expressar suas dores diante do Senhor; no entanto, não pode ficar apenas aí, pois é preciso ajudar os aconselhados a voltarem-se para Deus. Segundo Welch:

Deus nos chama agora a ver a Sua bondade e o Seu amor, expressos mediante Seu Filho. Este olhar que se fixa em Cristo não vem naturalmente. Satanás, o grande enganador, constantemente sopra aos nossos ouvidos que Deus não é bom. O desejo de Satanás é que nos tornemos para com Deus ‘amigos dos tempos prósperos’, que apreciam as bênçãos manifestas de Deus durante os bons tempos e questionam a Sua bondade nos maus tempos. (2015, p. 27,28)

O aconselhamento, dessa forma, deve apresentar o Cordeiro de Deus aos aconselhados. Precisamos demonstrar aos sofredores que o nosso sofrimento, embora grave, é menos monstruoso que aquele que atingiu o Filho de Deus. A partir desse fato, os sofredores começam a experimentar verdadeira transformação a partir da compreensão do próprio sofrimento de Cristo (Is 53.10; Mc 8.31; Hb 2.10). (WELCH, 2015, p. 28).

Nem sempre o Senhor vai remover o nosso sofrimento, pois ele não promete isso; no entanto, enquanto estamos sendo dirigidos a ver o sofrimento de Jesus, somos levados a compreender que estamos diante daquele que sofreu por nossos pecados. “Suas palavras devem ter credibilidade para sofredores porque elas vêm de Sua própria familiaridade com a dor, e Seu entendimento e amor são inegáveis.” (WELCH, 2015, p. 28).

### 3.4 AJUDAR NO RECONHECIMENTO DOS PROPÓSITOS DO SOFRIMENTO

Nada, absolutamente nada, acontece na vida daquele que pertence ao Senhor sem que haja algum propósito. Quando Paulo afirma que “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 12.18), ele não está dizendo que todas as coisas são boas, mas que, de fato, o Senhor está trabalhando em todas as circunstâncias para o bem daqueles o amam.

Jay Adams resume sua abordagem bíblica ao sofrimento da seguinte maneira: Deus está no sofrimento, Deus está operando algo, e Deus está operando algo para o bem. Visto que Deus é o Deus do Evangelho da graça, bem como o Rei acima de toda a criação, Ele tem propósitos soberanos no sofrimento e Seus propósitos são para o bem. “Os leõesinhos sofrem necessidade e passam fome, porém, aos que buscam o Senhor bem nenhum lhes faltará.” (Sl 34.10) (ADAMNS *apud* WELCH, 2015).

Isso não significa dizer que sempre teremos uma compreensão desses propósitos durante a nossa vida nessa terra: os propósitos do Senhor por meio de nossos sofrimentos podem ser mais amplos do que podemos imaginar. No entanto, devemos ajudar nossos aconselhados a estarem descansando nessa teologia segura das Escrituras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento do artigo, procuramos demonstrar como, no processo do aconselhamento bíblico e com a sabedoria do Senhor e na dependência do Espírito Santo, as questões dolorosas do passado, guardadas no interior das pessoas, e que afetam o presente, podem ser trazidas à tona, serem amorosamente confrontadas e tratadas. Isso pode ser feito sob a perspectiva teológica que vê o ser humano como responsável diante do Senhor, mesmo quando foi uma vítima real no passado.

Demonstramos, primeiramente, que o aconselhamento bíblico pode, de forma objetiva, amorosa e cheia de compaixão, ajudar no acompanhamento dos aconselhados para romperem com a resistência de lidar com questões dolorosas do passado. Os aconselhados precisam experimentar um ambiente de amor e aceitação que possibilite a expressão confiante de questões dolorosas do coração; e os conselheiros bíblicos capacitados, com base nas Escrituras, desenvolvem o ambiente no qual as pessoas podem se expressar confiantes que estão diante de conselheiros maduros, e diante do próprio Deus que nos possibilita clamar *Aba Pai* (Rm 8.15).

Ficou demonstrado, da mesma forma, que o aconselhamento bíblico pode ajudar, de forma efetiva, com a superação das tendências extremas da parte dos conselheiros de reforçar ou negar as feridas abertas do passado. Ao abandonarem esses extremos, os conselheiros bíblicos são, de forma positiva, capacitados para lidar com as dores do passado que estão afetando o presente de seus aconselhados nos níveis mais profundos da consciência.

O aconselhamento bíblico faz parte da área da teologia prática, ou teologia pastoral que, por si só, já indica a necessidade das pesquisas nessa área, e visa apontar possibilidades práticas concretas para as ações pastorais da igreja. Dessa forma, o artigo trouxe orientações para a construção de passos estratégicos no processo da ajuda bíblica aos que trazem feridas dolorosas do passado em suas vidas para: ajudar no processo de expressar o sofrimento com palavras; ajudar a lidar com processos de vitimação evidente; ajudar na compreensão e acolhimento do amor de Deus; e ajudar no reconhecimento dos propósitos do sofrimento.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Jay. **O conselheiro capaz**. São Paulo: ABCB; Fiel, 2015.

BRENNER, C. **Noções básicas de Psicanálise**: introdução à Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

BRITO, Eurípedes Pereira de. O aconselhamento bíblico e a questão do inconsciente. **Vox Faifae**, Goiânia, v. 10, n. 3, 2020. Disponível em: <<http://www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfaiifa/article/view/156>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CRABB, Larry. **Aconselhamento bíblico efetivo**. Brasília: Refúgio, 1985.

GOMES, Wadislau Martins. **Aconselhamento redentivo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

ROGERS, Carl. R. **Terapia centrada no cliente**. Lisboa: Editora da Universidade Autónoma de Lisboa, 2003.

ROWE, Craig. What about the unconscious: How can biblical counselors approach the theory of the unconscious - is it biblical? **Biblical Counseling**, 17 ago. 2020. Disponível em: <<https://biblicalcounseling.com/what-about-the-unconscious/>>. Acesso em: 19 out. 2020.

VIARS, Stephen. **Colocando o seu passado no devido lugar**. São Paulo: Nutra, 2021.

WELCH, Edward. Exaltar a Dor? Ignorar a Dor? O que fazer com o sofrimento? **Revista Coletânea do Aconselhamento Bíblico**. São Paulo: Palavra da Vida, 2015.